

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

EM PARMÊNIDES, 'TERTIUM NON DATUR'¹Néstor Luís Cordero
Université de Rennes

O título de nossa conferência faz alusão a um princípio que pertence ao âmbito da lógica, o princípio do “terceiro excluído”. Esta referência à lógica sugere que nossa exposição se ocupa fundamentalmente de uma questão que, hoje, poderíamos nomear “metodológica”. Porém, para situar tal ponto em seu contexto, vou me permitir expor em bem poucas palavras, em apenas alguns minutos, o ponto central de minha interpretação de Parmênides.

A filosofia surgiu como uma tentativa de explicação da totalidade do real. Para se referirem a esse “objeto” de estudo, talvez os primeiros filósofos tenham usado o termo “*phýsis*”. De nosso conhecimento, pelo menos até Heráclito. O texto mais antigo a que temos acesso, as inesgotáveis três linhas de Anaximandro, falam *tà ónta*, no plural (no fragmento, no dativo), ou seja, diretamente, as coisas, e, literalmente, “os entes”. Nada sabemos dos outros filósofos de Mileto. Podemos supor que também Heráclito fala de “as coisas” quando diz que ele (Anaximandro) explica “*hékaston*”, cada coisa, de acordo com a *phýsis*, e em outro texto (frag.123) desobriga a *phýsis*, entendida sem dúvida como a constituição última do conjunto de todas as coisas, *tà ónta*.

Parmênides, no entanto, é o primeiro filósofo que, para se referir a “os entes”, use o singular, mas isso não significa que vá tratar de uma só coisa. Seu singular é genérico porque se refere àquilo que têm em comum todas as “coisas”, os entes, *tà ónta*. Assim como o biólogo estuda *tò zôon*, os seres vivos, ou seja, isto que caracteriza todos os seres vivos, *pánta tà zôa*, o filósofo deve ocupar-se com “*tò eón*”, isto que é, o que está presente em todas as coisas que são, que existem, em *panta ta onta*. Já as ciências tratarão de estudar particularmente aquilo que corresponde a cada grupo das coisas, mas isto é posterior, pois as

¹ Conferência apresentada pelo professor Néstor Luis Cordero no I Simpósio Internacional OUSIA de Estudos Clássicos, Rio de Janeiro, de 16 a 20 de outubro de 2006, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Academia Brasileira de Letras (ABL).. Tradução de Josefina Neves MELLO (2013).

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

coisas não existiriam, se não se desse o “fato” de elas serem. Parmênides se limita a este “objeto”, o ato de ser, e seu poema é uma análise do quanto se pode dizer sobre ele mesmo. Em suma, a unidade parmenídea é a unidade do singular, e isso é o que diz Platão em “O Sofista” – se se traduz bem o texto – quando ele afirma que, para aquilo que ele chama de “a família eleática”, “todas as coisas (*tà pánta*) são chamadas, nomeadas (*kalouménon*) um ser único (*hèn ón*)” (242d). Platão não diz que para eles “tudo é um” (frase, aliás, escrita por Heráclito). Dentro desta problematização, proponho-me cuidar do método posto em prática por Parmênides para conseguir “demonstrar”, à maneira dele, as verdades às quais ele acreditou haver chegado a propósito de “*tò eón*”.

Parmênides e seu método

Não se deve crer por ele que a questão seja secundária. Se o caminho que creio seguir chegar ao destino, tentarei adicionar um apêndice a esta conferência para sugerir que foi precisamente o método usado por Parmênides que suscitou as críticas de Platão. No que diz respeito à teoria parmenídea, podemos até dizer que Platão poderia tê-la compartilhado, e a confissão final de “O Sofista”, segundo a qual o ‘não ser’ que ele descobriu não é o oposto do ‘ser’, é uma forma de admitir que, sobre este assunto, Parmênides disse tudo quanto tinha a dizer. Para Platão, é o método usado por Parmênides que deve de ser superado. No entanto, todas essas afirmações terão de ser demonstradas.

Começemos por uma pergunta que, dada a apresentação que acabo de fazer, se impõe: “Podemos falar de um método em Parmênides?”. E, se em caso afirmativo, “Poder-se-ia dizer que Parmênides foi o primeiro filósofo que argumentou para defender e, em seguida, para expor as verdades que encontrou?”. Não seria exagero responder a isto afirmativamente. Nada sabemos sobre o modo de raciocinar dos filósofos de Mileto nem de Pitágoras; e, a respeito de Heráclito, não cabem dúvidas que o desconforto voluntário em que colocou o leitor que pretendia entendê-lo em uma primeira leitura era uma maneira de obrigá-lo a entrar em seu labirinto; no entanto, não nos olvidemos que um método é um caminho e que um labirinto se caracteriza por ocultar um caminho.

Em Parmênides, ao contrário, não basta seguir um caminho para chegar à verdade, já que esse caminho tem, por conseguinte, um ponto de partida, suas etapas, as barreiras que impedem prosseguir, a remoção de tais barreiras e, finalmente, uma conclusão. Mas a originalidade de seu método consiste em que a conclusão a que se chega vai coincidir com o ponto de partida, pois, como diz o filósofo no texto preservado hoje como “fragmento 5”, “é

comum para mim por onde começar, aí chegar novamente". Digamos, entre parênteses, que esta inovação parmenídea, o método, obrigou a todos os estudiosos a seguirem certa ordem na localização de grande parte dos fragmentos pelo esforço de se reconstruir o texto perdido (pelo menos na primeira parte do Poema), o que é impossível no caso de outros pré-socráticos.

Agora sim: qual é o caráter distintivo deste método ou, ainda que o termo pareça exagerado, do "procedimento" usado por Parmênides? Este procedimento, em resumo, é o seguinte: Parmênides parte da aplicação de um tipo de axioma, que lhe parece óbvio (e que, como todo axioma, *a priori*, não se demonstra), mas, em seguida, confirma-o, ao demonstrar que sua negação é impossível. *É a impossibilidade mesma da negação de seu postulado que transforma o axioma numa tese necessária.*

Quando se fala da negação de uma tese automaticamente se pensa numa antítese. Este esquema, no entanto, não é válido no caso de Parmênides. Ele não apresenta uma tese e uma antítese, nem argumenta em favor de uma e contra a outra. Em absoluto. Parmênides apresenta uma tese e demonstra que não há uma antítese possível, e o confirma, ou, se preferem, "prova", que a tese é verdadeira. Bem: para este procedimento seja válido, duas condições devem ser satisfeitas: a primeira, não pode haver um meio-termo entre a tese e sua negação, já que este meio-termo seria uma espécie de síntese ou de relativização da tese; e, a segunda, a tese deve ter alcance tal que, incluindo o *a priori*, sua negação torne-se não somente inaceitável como também inconcebível.

O axioma parmenídeo

Vejam agora o conteúdo específico deste axioma, tese ou postulado tido como sendo o ponto de partida para o raciocínio parmenídeo. A tese é a seguinte: **existem coisas**; "coisas" em um sentido amplo, vago e geral, "entes", se se prefere, e incluso o conjunto das coisas; existem realidades, entidades, não importa; o que importa é o fato de que **elas existem**. Mas... por que coisas existem? Porque há nelas algo que as faz ser. Dá-se, existe, o [f]ato de ser; isto é inegável, e por isso há entes que "assumem" o fato de ser.

Mas o importante é que este ser não é uma nebulosa abstrata, mas sim que está presente *agora*, e por esse motivo quando Parmênides expõe pela primeira vez o seu axioma diz somente "*esti*", e em seguida usa o particípio presente *tò eón*. Parmênides diz *esti* não importa aquilo que está sendo. O inegável, necessário e básico é que existe "é", que "há". E depois de afirmar esta realidade, sempre dentro do esquema a que fizemos referência,

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

Parmênides “prova” isto que, para ele, é uma evidência: “existe”, “porque não é possível não ser” (segundo hemistíquio do verso 2.3). A negação da presença atual do fato de ser é inadmissível, completamente inconcebível, *panapeuthéa*. Por quê? Porque ela afirmaria a existência necessária daquilo que não é. Supor que “é necessário não ser (Parmênides não fala de ‘o’ não ser)” (*khreón esti mē eînai*) é um atalho oposto ao caminho da verdade.

Já na apresentação alegórica de sua alternativa, no Proêmio, Parmênides havia contrastado o caminho que conduz à deusa, que representará a verdade, com outro atalho, a das opiniões humanas, o que está fora e distanciado (*ektós*) do caminho da verdade, e que estava privado de *pístis*. Este detalhe é importante porque já desde o Proêmio Parmênides é claro e preciso: a oposição entre um caminho válido e um caminho impossível é a oposição que existe entre um caminho verdadeiro e um caminho do qual a verdade está ausente, e este caminho, como diz no verso 30 do frag.1, é claramente o das opiniões, que sempre estão em relação aos homens ou aos mortais.

Parmênides afirma que, de algo que não é, não se pode predicar que “é”; ao contrário, o “é” é a característica imanente ao todo, tal como indicado pela própria língua grega: *uma coisa*, em grego, é um “ente”, *eón*; então, como se poderá encontrar um ente que não seja? Seria o equivalente a pretender encontrar alguém que está dormindo, sem dormir, andando sem andar.

Esta alusão à língua grega nos permite compreender de que modo, após haver postulado o “é” como axioma, Parmênides encontra o único sujeito possível que pode admitir este “é”, sem a necessidade de fazer uma investigação, uma pesquisa. Uma analogia com outros verbos nos ajudará a encontrar esse sujeito inevitável, obrigatório, evidente, inegável. Tomemos o verbo “caminhar”, ou “cantar”. Se Parmênides houvesse dito “caminhar”, ou “cantar”, muitos sujeitos poderiam ser válidos; há muitas pessoas que cantam e muita gente que caminha. Mas há em ambos os casos um sujeito inegável, que não precisa de demonstração. Quem canta? Um cantor. Quem caminha? Um transeunte. Não há como negar que quem está cantando canta, quem está caminhando caminha, seja quem for.

Da mesma maneira, não há como negar que **o que está sendo é**. *Tó eón*, ou, melhor ainda, somente *eón*, é o sujeito analiticamente extraído do “é”, e por isso o frag.6 diz que é necessário afirmar e crer que *eón esti*. “Necessário”: não há outra possibilidade, salvo se mudarmos a estrutura da língua grega e se reconhecermos que um particípio, *eón*, é uma forma do verbo “ser”, e que *estin*, por sua vez, é a terceira pessoa do mesmo verbo.

Dada tal relação entre o participio e o verbo na terceira pessoa, pois somente é o que está sendo, pode-se compreender que a série de *sémata* do frag.8 são *sémata* do “é”, que é o conteúdo de um caminho (Parmênides diz que estão *no* caminho), e, por isso, na continuação da argumentação, o “é” é diretamente retomado por “*eón*”. Poder-se-ia dizer que “o ‘é’, que está sendo, é inconcebível e incorruptível”, etc.

Os caminhos

Voltemos ao início. Parmênides apresenta seu postulado, seu axioma, sua tese, como um **caminho**, e faz o mesmo com a negação de sua tese. “Caminho” não é apenas um método, como decorre da etimologia desta palavra (*méta-hodos*), mas é também um modo de fazer algo. O termo em inglês “way” retoma ambos os aspectos. Este método pressupõe um conteúdo, mas este conteúdo não pode ser um objeto; o conteúdo é uma afirmação ou uma negação *acerca de* um objeto, ou, se se preferir, um *lógos*, no sentido de uma frase. Isto que vale para todo o caminho enfrentado por um filósofo, que se expressa por meio de discursos, é mais do que evidente em Parmênides, já que quando este apresenta os caminhos em quatro fórmulas (versos 3 e 5 de frag.2), cada fórmula está precedida por nexos declarativos, um *hópos* e três *hos*; e outro *hos* aparece no segundo verso de frag.8, quando se retoma a fórmula do único caminho que resta.

No frag.2 os **únicos** (*moúnai*, palavra que se costuma esquecer) caminhos são apresentados como *hodoì noêsai*, ou seja, “caminhos para pensar”. A maioria dos intérpretes traduz como “pensáveis”. Grave erro: Parmênides não diz “*noetai*”, adjetivo, mas “*noêsai*”, infinitivo. O caminho serve para pensar, mas ele mesmo não é pensável; a prova está no frag.8, onde um dos caminhos é qualificado como *anóetos*, impensável. Estes são caminhos *a priori* possíveis que estão à disposição do pensamento, e uma vez que este (o pensamento) busque trilhar a ambos igualmente, verá que um deles é uma estrada real, e que o outro é um atalho, uma aporia.

Os nexos declarativos são explicados, então: cada caminho é um caminho para pensar **que...** e não para pensar algo. É errado acreditar que o que caracteriza cada caminho é um objeto, e esta crença é o ponto de partida da tergiversação da filosofia de Parmênides, que é sua platonização, como tentarei demonstrar. Na verdade, é comum ouvir as pessoas se referirem ao “caminho do ser” e ao “caminho do não ser”. Por que essa posição é insustentável? Porque “ser” e “não ser” teriam que ser os sujeitos, respectivamente, de “é” e “não é”, primeira fórmula de ambos os caminhos em 2.3 e 2.5, já que cada caminho afirma

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

algo sobre seu objeto. O primeiro caminho diria então, corretamente, “*eón* (ou *eînai*) *estin*”, existe ser, o que também é verdadeiro, mas o segundo diria “*mè eón* (ou *mè eînai*) *ouk esti*”, não existe ser, o qual é também verdadeiro, como já o havia dito o segundo hemistíquio do primeiro caminho.

Esta posição é insustentável também porque não vê que, em resumo, se há um objeto que caracteriza cada caminho, este (objeto) deve ser *o mesmo* em ambos os caminhos. Não existe um caminho de ser e outro do não ser; existe um caminho que, em relação ao fato de ser, ele diz que é, e outro caminho que, sobre **o mesmo sujeito**, o ser, diz que não existe. Cada caminho é uma tese, uma afirmação, positiva ou negativa, reforçada nos dois segundos hemistíquios por uma nuance causal: para o caso do primeiro caminho, existe o fato de ser e não é possível que não seja; no segundo, não existe o fato de ser, e é necessário que não exista.

É a propósito do mesmo “objeto”, o fato de ser, que o primeiro caminho apresenta um discurso e um pensando *amphis aletheies*, verdadeiro, pois ele diz como é, e o segundo caminho, que se define em meras opiniões, apresenta-o como não é, como se fosse apenas uma série de nomes individuais que parecem verdadeiros, mas que não o são. O objeto das opiniões não são as aparências, sobre as quais Parmênides nada diz (pois Parmênides não é Platão, para quem a *dóxa* se apresenta na *pístis* e na *eikasía*). As opiniões são pontos de vista errôneos sobre o ser, intuições que não o apreendem tal como ele é. Para que o futuro filósofo saiba discernir entre o verdadeiro e o falso, deve primeiro tomar o caminho da verdade, que é o melhor antídoto para imunizar-se contra o veneno das opiniões.

O conteúdo de cada caminho

Voltemos então ao teor de cada caminho. Ambos são opostos e entre ambos *tertium non datur*. O termo “*mounai*” não pode ser relativizado. Agora sim: vimos que cada caminho afirma ou nega algo. De acordo com o que afirme ou negue, o caminho será persuasivo, pois ou estará acompanhado pela verdade ou será completamente irreconhecível, *panapeuthéa*. Vejamos o caminho mostrado em primeiro lugar. Ele está formulado por um termo reconhecido, *estin*, que equivale a uma posição, a uma afirmação, e por uma dupla negação, que, nesta lógica dicotômica, equivale à outra afirmação (Aqueles que falam do “caminho do ser” deveriam explicar porque neste caminho verdadeiro Parmênides afirma também algo sobre o não ser...). Não obstante, nada o impede: [pois] afirmar a existência do não ser é dizer

a verdade. Ou seja, que o primeiro caminho afirma o fato de ser e nega a possibilidade de que este fato de ser não seja.

Vejam os o segundo caminho. A primeira parte da fórmula que ocupa a totalidade do verso 5 do frag.2 é, uma vez mais, um termo reconhecido; porém, desta vez trata-se de uma negação: “não é”, “não existe”, “não há”. Para que esta negação seja considerada como sendo completamente incognoscível, ela deve ser relacionada, como dissemos, ao fato de ser. Do fato de ser se diz que “não existe”, e esta inexistência é confirmada como necessária: “é necessário não ser”. É afirmar que este caminho está condenado porque afirma a inexistência, necessária inclusive, do ser. Mas ocorre que não se vê esta declaração supondo a atribuição de um conceito ao outro, que é o seu oposto: atribui-se, predica-se, o não ser do ser, e o ser do não ser. Isso significa dizer que não é preciso inventar um terceiro caminho para misturar, atribuir ou predicar o ser do não ser e não ser do ser: esta é a característica do segundo caminho. Com alguma ironia poder-se-ia dizer que o terceiro caminho é o segundo...

Entendemos agora porque este segundo caminho é incognoscível: pois é autocontraditório, nega a si mesmo. E por quê? Porque para negar o fato de ser, há que conhecê-lo, e quando se o conhece não se pode negá-lo. Para atribuir o não ser ao fato de ser, pensa-se este fato de ser como se estivesse sendo, e em seguida se diz que não é, ou seja, diz-se, ao mesmo tempo, que é e que não é. Górgias apreendeu perfeitamente o conteúdo do segundo caminho. O Sofista repete em uma das etapas de seu tratado sobre o não ser (§ 67 de frag.3) o raciocínio de Parmênides (que mais tarde se opôs à sua negação, mas este é outro problema): “Se o não ser é, então, ao mesmo tempo, será e não será: com efeito, enquanto se pensa como não ser, não é; mas, entretanto, ser não ser, será”. Em Parmênides, esta atribuição recíproca de ser ao não ser, e vice-versa, que são considerados como sendo iguais e diferentes, é precisamente o conteúdo do pretendido terceiro caminho. Não há necessidade de se multiplicar as possibilidades: esta atribuição recíproca é já o conteúdo do segundo caminho.

A autocontradição do caminho errôneo

Voltemos ao fragmento 2. Parmênides apresenta o primeiro caminho no verso 3, diz que está acompanhado pela verdade, porém não diz o motivo. Ou seja, como se trata de um verdadeiro axioma, não é preciso prová-lo: basta dizer por enquanto que sua negação é impossível. Apenas o frag.8 vai oferecer elementos, signos, de sua necessidade. A impossibilidade do segundo caminho, ao contrário, é objeto de uma verdadeira demonstração, pois após afirmar que o caminho é incognoscível, uma frase que começa com o nexos causal

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

“*gár*” **prova** a impossibilidade do segundo caminho: “pois não conhecerá o que não é (*tò ge mè eòn*) tampouco o mencionará”. O artigo *tó*, separado do substantivo por um *ge*, tem forte valor demonstrativo; é impensável “algo” que não seja (um *tóde ti*, poderíamos dizer, anacronicamente).

É a contradição interna da fórmula *tò mè eòn* que vai dar a noção de algo impensável, pois o “*tó*” faz alusão a algo que é, enquanto “*mè eòn*” alude ao que não é. Já sabemos a influência que terá essa assimilação do ser ao “algo” em Antístenes, para quem todo discurso é verdadeiro porque se diz algo, diz algo que é, e sabemos também como Platão se escamoteará dessa pretensão em “O Sofista”. Mas esta é outra história... Nenhuma noção pode predicar-se de sua oposta, e este é o defeito do segundo caminho. Dizer que não existe ser equivale a dizer que o vivente não vive, que o caminhante não caminha. E vice-versa, se se predica o ser do não ser, como o dizia Górgias, automaticamente se faz com que seja. Dizer que o não ser existe significa negar o não ser do não ser e equipará-lo ao ser. Por isso, os mortais, os que consideram as coisas desse modo, creem (*nenómistai*, diz o frag.6) que ser e não ser são a mesma coisa e a não mesma coisa.

Precisamente o enunciado deste segundo caminho é ideal para aprofundar o dicotômico método parmenídeo. Dissemos que a tese apresentada no segundo caminho é um sujeito cuja existência se nega: “não há ser”, ou, inversamente, a afirmação de uma negação: “há não ser”. Em ambos os casos há uma negação. Agora sim: toda negação supõe um conhecimento ou pelo menos uma ideia geral daquilo que se nega. Quem nega a existência de fantasmas, ou de deus, ou, no caso de um pessimista, da amizade, é porque ele tem uma ideia do que é um fantasma, do que é deus, e do que é a amizade, e diz: “isto não existe”. Logo, para afirmar que o fato de ser não existe, que é o que faz o segundo caminho, há que saber o que é o fato de ser. Porém, quem sabe o que é o fato de ser, quem conhece os *sémata* apresentados no frag.8, não poderá negá-lo, e menos ainda um ser humano, que é um ente, algo que é. Nós, terráqueos, podemos dizer que os marcianos não existem, mas um marciano nunca poderia dizê-lo. Um ente não pode negar o fato de ser. Em Parmênides não existem dois princípios, que poderiam então ser misturados para fazer um terceiro. Há um, e sua negação, que supõe aquilo que nega. Inclusive, eu teria que exagerar no título desta conferência e chamá-la “Em Parmênides, *secundum non datur*”².

² *Idem*. Em espanhol: “el segundo no se da”; em português: “o segundo não ocorre”.

A platonização de Parmênides

Até o início do Séc. XX nunca fora colocado em questão este esquema interpretativo, que se impõe por si mesmo. No entanto, especialmente a partir de 1916, ano da publicação do trabalho clássico de K. Reinhardt sobre Parmênides (*Parmênides griechischen und die Geschichte der Philosophie*, V. Klostermann, Frankfurt am Main) começa uma tentativa malsucedida de interpretar sua filosofia através de esquemas platônicos, da mesma maneira como Platão, que havia admitido numa passagem do clássico *Teeteto* (183e-184a) que não havia entendido a Parmênides, mas que o analisava em seu tempo segundo esquemas melissianos. Na verdade, Reinhardt sistematizou uma tendência que já havia aparecido antes, esporadicamente, e que não teria tido maiores ecos se um dos seus discípulos, Heidegger, que adotou sua interpretação, não houvesse alcançado a notoriedade que todos conhecemos.

No seminário sobre Heráclito, que apresentou juntamente com E Fink, Heidegger escreveu que, embora fique claro que Reinhardt não era um especialista em filosofia (p.41) – alusão um tanto pejorativa – ele ao menos sabia pensar e ver... Bem, e o que é que Reinhardt viu em Parmênides? Ele viu que havia «drei Wege der Forschung»: uma, *tò ón estin*; outra, *tò ón ouk estin*; e outra, *tò ón esti te kai ouk ésti* (p.36). Antes de comentar esta interpretação deve-se admitir que, se em Parmênides havia um caminho que afirmava que o ser é e não é, não se compreende por que Platão escreveu “O Sofista” para refutar a Parmênides demonstrando precisamente que o ser de certo modo não é, e o não ser de certo modo é (241d). Como veremos em nosso epílogo, é o esquema dicotômico (que em última análise resulta em ser monádico) que Platão detecta em Parmênides que o leva a cometer o parricídio. O esquema triádico sistematizado por Reinhardt reproduz na realidade os três níveis do objeto de conhecimento da clássica passagem da “República” (478a-d): o ser corresponde à *episteme*, o não ser, à ignorância, e a mistura de ser e não ser (a que Platão nomeia *doxastón* e que correspondente ao universo sensível) à *dóxa*. Nada disso se valida em Parmênides, e menos ainda uma distinção anacrônica entre o sensível e o inteligível, que nem sequer é encontrada entre os atomistas, contemporâneos de Sócrates.

Porém, este esquema triádico tem um efeito secundário nefasto quando aplicado a Parmênides, pois a relação entre a *dóxa* e o *doxastón*, que em Platão é a aparência sensível, convidou a interpretar a parte do Poema que trata das opiniões como se esta fora um sinônimo de “aparência”. O caminho da *dóxa*, assim, advém de “*the way of seeming*”, quando na verdade a dicotomia ser-aparência está forçosamente ausente de Parmênides: verdade e

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

opiniões são duas maneiras de acessar a realidade, que é somente uma. A verdade a apreende como ela é, e as opiniões as veem distorcida. As opiniões não veem uma aparência, porque, neste caso, deveriam admitir que por detrás dessas aparências existe algo; simplesmente, acreditam que a realidade se esgota nisso que (como diz Parmênides no frag.19.) elas mesmas, as opiniões, estabeleceram: *katà dóxan éphy táde*. A dóxa “coloca” nomes, não “capta” coisa alguma, e o conjunto delas mesmas é *tà dokoûnta* (este termo nunca significou “aparências”, mas sim “opiniões”, desde Heráclito, frag.28, até Aristóteles, *Met.* 1088a16).

As opiniões são um conjunto harmonioso de palavras e, por isso, são perigosas. Se fossem incoerentes ninguém iria acreditar nelas; mas constituem uma *kósmon epéon*, e quem diz *kósmos* diz ao mesmo tempo harmonia e beleza. No entanto, essa harmonia, como o canto das sereias, é *apatelón*, enganosa. Devemos estar atentos às opiniões, como já havia proposto a deusa no Proêmio, pois elas formam parte do “todo”, do qual é necessário estar informado, ainda que a verdadeira convicção esteja ausente delas (frag.1.30). As opiniões são “similares” à verdade e, por isto, podem enganar. As Musas de Hesíodo já haviam advertido que as mentiras são verossímeis (de outro modo, ninguém acreditaria nelas). Esta ordem harmoniosa (*diákosmon*) de palavras é, em Parmênides, parecida (*eoikóta*) com a verdade. Não é o objeto do discurso que é “parecido” (ou seja, uma aparência³) como pretendem os autores que platonizam a Parmênides, e veem nesta palavra um antecedente da *eikasía* da “República”.

Verdade + Opiniões = Primeiro Caminho + Segundo Caminho

Em Parmênides, entre verdade e opinião, *tertium non datur*, e assim foi interpretada sua filosofia desde a Antiguidade. Os testemunhos clássicos abundam nesse sentido, e já em Alexandre de Afrodisia encontra-se uma assimilação entre a verdade e as opiniões, por um lado, e os dois caminhos, por outro, quando ele diz que Parmênides percorreu ambos os caminhos (“*amphotéras hodoús*”), um em cada parte do Poema (Em *Met.* A.3.984b). Na verdade, não há dúvidas de que o primeiro caminho, o que afirma que se dá o fato de ser e que (e eu estaria tentado a dizer “porque”) não é possível não ser, está em relação com a verdade. Parmênides diz que a verdade o “acompanha”, e quando termina de expor os *sémata* que o caracterizam afirma que acaba de apresentar o “pensamento sobre a verdade” (frag.8.51).

No entanto, tampouco cabem dúvidas de que o segundo caminho, o negativo, corresponde às opiniões dos mortais. As opiniões estão opostas contraditoriamente à verdade, como um caminho ao outro. Já no Proêmio vimos que não há verdade nas opiniões, e que

³ “Aparência”, nesta acepção do espanhol, tem mais um sentido de ‘fachada’.

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

estas são predicados exclusivos dos homens, cujo caminho está fora do caminho da deusa. As opiniões humanas, além disso, se concretizam em nomes que não são verdadeiros, como lemos no verso 39 de frag.8. Em Parmênides, a *dóxa alethés* de Platão seria inimaginável: ou *alétheia*, ou *dóxa*: “*tertium non datur*”. O paralelismo entre a passagem do frag.6, que afirma que os homens “forjam”, “constroem” (*pláttontai*) um caminho, e a passagem de frag.8 que acabamos de ver, que constata que os homens “estabeleceram” (*kathétento*) nomes para explicar a realidade, é mais do que evidente. São os mortais quem empregam dois pontos de vista para explicar a realidade, e nisso se enganam: um só caminho resta como possível: “é”, diz o segundo verso do frag.8.

Uma terceira possibilidade fica excluída, entre outras coisas, porque sempre que Parmênides apresenta ou faz alusão aos caminhos fá-lo com fórmulas tais como “*hemèn... he dé*”, “*prótes gár... épeita dé*”, “*tèn mèn... tèn dé*”. Consideremos especificamente as passagens em questão. A primeira formulação concreta desses caminhos, no frag.2 (antes havia já uma referência no Proêmio), diz que eles são apenas (*moûnai*) dois, e opostos, por um (*he mén*) é verdadeiro e o outro (*he dé*) é incognoscível. No frag.6 há uma nova alusão a dois caminhos, e estes são, uma vez mais, opostos: *prótes gár... autàr épeita*. Uma terceira alusão é encontrada nos versos 16 e 17 do frag.8: *tèn mén é anóeton* e *anónumon* porque não é verdadeiro (como as opiniões), *tèn dé*, ao contrário, é autêntico. Até aqui, *tertium non datur*.

O que permitiu, no texto, que desde há pouco mais de um século se pudesse falar de um terceiro caminho? Simplesmente um erro, mas esse erro teve, como dizem os franceses, um efeito de “*boule de neige*”. Um erro que originou outro erro e este por sua vez, um terceiro, e assim por diante. Vejamos muito rapidamente as etapas desta verdadeira tragédia grega. Há pouco dissemos que há três passagens em que, a sua vez, Parmênides se refere aos dois caminhos. A primeira e a terceira passagem não apresentam dificuldades. Na primeira, a deusa diz que vai **apresentar** os dois caminhos, que, ainda que opostos, podem ser apresentados. Na terceira passagem Parmênides diz que um caminho é **mantido** e o outro é **abandonado**. Também aqui nada há de estranho. A segunda passagem, no entanto, é problemática, já que nela se diz que há de se **separar**, se **distanciar**, **rejeitar** (*eígro*) **dois caminhos**. Como seria inconcebível que Parmênides nos afastasse do caminho verdadeiro, a lógica determina o surgimento de um terceiro caminho, que seria um segundo caminho falso. Do caminho verdadeiro Parmênides nada diz nesse frag.6, mas como já sabemos que havia um caminho errôneo, neste frag.6, nasce “*in vitro*” um segundo caminho errôneo, um caminho forjado pelos homens, que nada sabem, e do qual também há que se distanciar.

Impossibilidade de um terceiro caminho

Apesar da aparente clareza deste raciocínio, tanto seu ponto de partida quanto as suas consequências são errôneas. Em primeiro lugar, qual seria o primeiro caminho rejeitado neste frag.6? O texto do verso 3 do frag. 6 diz “deste primeiro caminho te afastas”, e o demonstrativo “este” se refere ao caminho apresentado no verso anterior, o verso 2. Mas acontece que este verso diz: “*méden d’ouk éstin*”, o nada não existe, o qual não é senão uma apresentação da segunda parte do enunciado do primeiro caminho, “*mè eînai, ouk éstin*”, “não ser, não é possível”, o qual é verdadeiro. E para confirmar que se trata do verdadeiro caminho, sempre no verso 2 do frag.6, a deusa diz: “Isto eu te ordeno que proclames”. Por que, então, desviar-se deste caminho que é sem dúvida o primeiro? Os intérpretes fazem esforços titânicos para justificar essa rejeição, mas eu não tenho nenhuma intenção de bancar o advogado do diabo e defender uma interpretação com a qual não concordo.

E eu não compartilho, porque, como surge de uma leitura descuidada do aparato crítico do verso 3 do frag.6, Parmênides não é responsável pelo verbo “te afastas” (*eírgo*). Trata-se de uma conjectura proposta por um editor para preencher uma lacuna do texto transmitido pela tradição manuscrita. O texto chegou até nós sem o verbo que teria que referir-se aos dois caminhos. É verdade que *nunca saberemos o que disse Parmênides*. Mas nós sabemos que ele nunca poderia haver escrito “te afastas”, já que o caminho, o objeto do verbo, é o caminho verdadeiro. Parmênides poderia muito bem haver usado um verbo válido para dois caminhos opostos, como no frag.2, p.ex.: “eu o apresento”, “eu o exponho”. Neste caso, não há necessidade de procriar um terceiro caminho: “*prótes gár*” se refere a um caminho, o que a deusa ordena proclamar, e *épeita dé* ao outro, o que vai se revelar como sendo impraticável (pois resultará num círculo vicioso; cf. 6.9).

Não é o momento de contar a história desta conjectura, que não tem razão de ser. Nos estudos clássicos há palavras que nascem e que morrem. No mesmo Poema de Parmênides, em 1909, nasceu a palavra “*áste*” no verso 3 do frag.1, e morreu em 1968, quando foi demonstrado que ela não existia. O mesmo tem que acontecer com “*eírgo*”, único verbo entre as centenas de verbos possíveis que Parmênides jamais poderia usar. No frag.6, como em todo o Poema, Parmênides apresenta dois caminhos: um, que é o verdadeiro (“tem que ser, porquanto o nada não existe”, versos 1-2), e outro, forjado, construído pelos homens. Não é necessária muita imaginação para dar-se conta de que, como os homens fabricam opiniões, este caminho não é outro senão o das opiniões, que confundem ser e não ser, pois atribuem

Cordero, Nestor Luís
Em Parmênides, 'tertium non datur'

um ao outro, e vice-versa. Duas possibilidades no Proêmio: verdade e opiniões, dois caminhos no frag.2, dois caminhos no frag.6, dois discursos: a verdade e as opiniões, uma vez mais no frag.8. Mais claro impossível. Em Parmênides, *tertium non datur*.

No início desta conferência eu havia ameaçado apresentar um epílogo. Este epílogo, muito breve, diz respeito à interpretação de Platão. Para Platão, o raciocínio aparentemente dicotômico, mas basicamente monádico, como o de Parmênides, leva a um beco sem saída. E por essa razão é que ele procede a uma “desconstrução” do método parmenídeo em dois tempos. O primeiro tempo encontra-se em Parmênides. Com uma ironia um tanto sádica, Platão faz com que Parmênides reconheça que se ele houvesse partido da negação de sua tese, teria chegado à mesma conclusão. Quatro hipóteses do diálogo partem de “se o uno existe”, ou “se é uno”, e outras quatro da tese oposta, “se o uno não existe”, ou “se não é uno”. Qual é o resultado? O mesmo. A última frase de Parmênides é lapidar: “se o uno existe, ou se não existe, ele e os outros, tanto em si mesmos quanto em suas relações mútuas, são tudo e não são nada, parecem tudo e não parecem nada”. Ou seja, partir tanto de uma hipótese como de sua negação não garante o sucesso de uma demonstração.

Qual solução é proposta por Platão? A solução aparece em “O sofista”, com uma concepção do ser que está além tanto da tese afirmativa quanto da tese negativa, pois se ambas são possíveis é porque o ser não se confunde com elas. Platão dá o exemplo de dualistas e monistas, de materialistas e de idealistas, e todos têm o direito de expressar-se, porque quando há princípios contrários, como a sua própria filosofia, que opõe o sensível ao inteligível, o ser aparece precisamente como aquele que Parmênides havia negado: como uma “terceira coisa”, como um *tritós*, expressão esta que aparece três vezes em “O Sofista”. Este *tritós* ou *tertium*, que agora é essencial, anuncia ser aos opostos porque não se confunde com eles. Portanto, o verdadeiro parricídio platônico consiste em demonstrar que, para que a filosofia possa avançar, *tertium datur*... enquanto que para seu pai Parmênides, *tertium non datur*.

Traduzido por Josefina Neves Mello em 2013